

## Ética Contemporânea

### a) NIETZSCHE: A Transvaloração dos Valores

O pensamento de Nietzsche (1844-1900) orienta-se no sentido de recuperar as forças vitais, instintivas, subjugadas pela razão durante séculos. Para tanto, critica Sócrates por ter sido o primeiro a encaminhar a reflexão moral em direção ao controle racional das paixões. Segundo Nietzsche, a tendência de desconfiança nos instintos culmina com o cristianismo, que acelera a "domesticação" do ser humano. Em diversas obras, como *Sobre a genealogia da moral*, *Para além do bem e do mal* e *Crepúsculo dos ídolos*, em estilo apaixonado e mordaz, Nietzsche faz a análise histórica da moral e denuncia a incompatibilidade entre esta e a vida.

Em outras palavras, sob o domínio da moral, o ser humano se enfraquece, tornando-se doentio e culpado.

Nietzsche relembra a Grécia homérica, do tempo das epopéias e das tragédias, momenta em que predominavam o que para ele eram os verdadeiros valores aristocráticos, quando a virtude reside na força e na potência, como atributo do guerreiro belo e bom, amado dos deuses. Segundo Homero, entre inimigos não há bom ou mau, porque ambos são valorosos.

A noção nietzschiana de valor opera uma subversão crítica: ela põe de imediato a questão do valor dos valores e esta, ao ser colocada, levanta a pergunta pela criação dos valores. Se até agora não se pôs em causa o valor dos valores 'bem' e 'mal', é porque se supôs que existiram desde sempre; instituídos num além, encontravam legitimidade num mundo suprassensível. No entanto, uma vez questionados, revelam-se apenas 'humanos, demasiado humanos'; em algum momento e em algum lugar, simplesmente foram criados.

### A Genealogia da Moral

Se os valores não existiram desde sempre, mas foram criados, Nietzsche propõe a **genealogia** como método de investigação sobre a origem deles. Mostra assim as lacunas, o que não foi dito ou foi recalcado, permitindo que alguns valores predominassem sobre outros, tornando-se conceitos abstratos e inquestionáveis.

Pela genealogia Nietzsche descobre que os instintos vitais foram submetidos e degeneraram. Procura então ressaltar aqueles valores comprometidos com o "querer-viver". Denuncia a falsa moral, "decadente", "de rebanho", "de escravos", cujos valores seriam a bondade, a humildade, a piedade e o amor ao próximo. Distingue então a moral de escravos e a moral de senhores.

\* **A moral de escravos:** A moral de escravos é herdeira do pensamento socrático-platônico - que provocou a ruptura entre o trágico e o racional- e da tradição judaico--cristã, da qual deriva a moral decadente, porque baseada na tentativa de subjugação dos instintos pela razão. O homem-fera, animal de rapina, e transformado em animal doméstico ou cordeiro.

A moral plebéia estabelece um sistema de juízos que considera o bem e o mal valores metafísicos transcendentais, isto é, independentes da situação concreta vivida. A moral de escravos nega os valores vitais e resulta na passividade, na procura da paz e do repouso. O indivíduo se enfraquece e tem diminuída sua potência. A alegria é transformada em ódio à vida, o ódio dos impotentes. A conduta humana, orientada pelo ideal ascético, torna-se vítima do ressentimento e da má consciência - o sentimento de culpa.

O ressentimento nasce da fraqueza e é nocivo ao fraco. O indivíduo ressentido, incapaz de esquecer, é como o dispéptico: fica "envenenado" pela sua inveja e impotência de vingança. Ao contrário, o indivíduo nobre sabe "digerir" suas experiências, e esquecer é uma das condições de manter-se saudável. O sentimento de culpa e o ressentimento voltado contra si mesmo, daí fazendo nascer a noção de pecado, que inibe a ação. O ideal ascético nega a alegria da vida e coloca a mortificação como meio para alcançar a outra vida num mundo superior, do além. As práticas de altruísmo destroem o amor de si, domesticando os instintos e produzindo gerações de fracos.

**\* A moral de senhores:** A moral "de senhores" é a moral positiva que visa a conservação da vida e dos seus instintos fundamentais. É positiva porque baseada no sim à vida, e configura-se sob o signo da plenitude, do acréscimo. Funda-se na capacidade de criação, de invenção, cujo resultado é a alegria, consequência da afirmação da potência. O indivíduo que consegue superar é o que atingiu o além-do-homem. O sujeito além-do-homem é aquele que consegue reavaliar os valores, desprezar os que o diminuem e criar outros que estejam comprometidos com a vida.

Assim diz Roberto Machado: É por isso que contra o enfraquecimento do homem, contra a transformação de fortes em fracos - tema constante da reflexão nietzschiana - é necessário assumir uma perspectiva além de bem e mal, isto é, "além da moral". Mas, por outro lado, para além de bem e mal não significa para além de bom e mau. A dimensão das forças, dos instintos, da vontade de potência permanece fundamental. "O que é bom? Tudo que intensifica no homem o sentimento de potência, a vontade de potência, a própria potência. O que é mau? Tudo que provém da fraqueza".

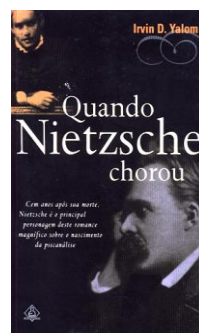
## FICA A DICA...

### QUANDO NIETZSCHE CHOROU - IRVIN D. YALOM

Este livro tem como pano de fundo o fermento intelectual da Viena do século XIX às vésperas do nascimento da psicanálise. Friedrich Nietzsche, o maior filósofo da Europa... Josef Breuer, um dos pais da psicanálise... um pacto secreto... um jovem médico interno de hospital chamado Sigmund Freud - esses elementos se combinam para criar a saga de um relacionamento imaginário entre um extraordinário paciente e um terapeuta talentoso.

Na abertura deste romance, a inatingível Lou Salomé roga a Breuer que ajude a tratar o desespero suicida de Nietzsche mediante sua experimental terapia através da conversa. Ao aceitar relutante a tarefa, o eminente médico realiza uma grande descoberta - somente encarando seus próprios demônios internos poderá começar a ajudar seu paciente.

Assim, dois homens brilhantes e enigmáticos mergulham nas profundezas de suas próprias obsessões românticas e descobrem o poder redentor da amizade.



## b) SARTRE: O Existencialismo e a Liberdade



A liberdade e a angústia. Qual é a diferença entre o homem e as coisas? É que só o homem é livre. O homem nada mais é do que o seu projeto. A palavra projeto significa, etimologicamente, "ser lançado adiante", assim como o sufixo ex da palavra existir significa "fora". Ora, só o homem existe porque o existir do homem é um "para-si", ou seja, sendo consciente, o homem é um "ser -para-si" pois a consciência é auto-reflexiva, pensa sobre si mesma, é capaz de pôr-se "fora" de si. Portanto, a consciência do homem o distingue das coisas e dos animais, que são "em-si", ou seja, como não são conscientes de si, também não são capazes de se colocar "do lado de fora" para se auto-examinarem.

O que acontece ao homem quando se percebe "para-si", aberto à possibilidade de construir ele próprio a sua existência? Descobre que, não havendo essência ou modelo para lhe orientar o caminho, seu futuro se encontra disponível e aberto, estando portanto irremediavelmente "condenado a ser livre". É o próprio Sartre que cita a frase de Dostoiévski em Os irmãos Karamazov: "Se Deus não existe, então tudo é permitido", para lembrar que os valores não são dados nem por Deus nem pela tradição: só ao próprio homem cabe inventá-los. Se o homem é livre, é conseqüentemente responsável por tudo aquilo que escolhe e faz. A liberdade só possui significado na ação, na capacidade do homem de operar modificações no real.

### A Má Fé

O homem não é "em-si", ele é "para-si", que a rigor não é nada, pois se a consciência não tem conteúdo, não é coisa alguma. Mas esse vazio é justamente a liberdade fundamental do "para-si", que, movendo-se através das possibilidades, poderá criar-lhe um conteúdo. Eis que o homem, ao experimentar a liberdade, e ao sentir-se como um vazio, vive a angústia da escolha. Muitas pessoas não suportam essa angústia, fogem dela, aninhando-se na má fé. A má fé é a atitude característica do homem que finge escolher, sem na verdade escolher.

Imagina que seu destino está traçado, que os valores são dados; aceitando as verdades exteriores, "mente" para si mesmo, simulando ser ele próprio o autor dos seus próprios atos já que aceitou sem críticas os valores dados. Não se trata propriamente de uma mentira, pois esta supõe os outros para quem mentimos, enquanto a má fé se caracteriza pelo fato de o indivíduo dissimular para si mesmo com o objetivo de evitar fazer uma escolha da qual possa se responsabilizar.

O homem que recusa a si mesmo aquilo que fundamentalmente o caracteriza como homem, ou seja, a liberdade, torna-se "safado", "sujo", pois nesse processo recusa a dimensão do "para-si" e torna-se "em-si", semelhante às coisas. Perde a transcendência e reduz-se à faticidade. Sartre chama tal comportamento de espírito de seriedade. O homem sério é aquele que recusa a liberdade para viver o conformismo e a "respeitabilidade" da ordem estabelecida e da tradição. Esse processo é exemplificado no conto A Infância de um chefe.

A fim de ilustrar o comportamento de má fé, Sartre descreve o garçom cuja função exige que ele aja não como um "ser-para-si", mas como um "ser-para-outro"; comporta-se como deve se comportar um garçom, desempenhando o papel de garçom, de tal forma que ele se vê com os olhos dos outros. E assim que Sartre o descreve em O ser e o nada: "Consideremos esse garçom de café. Tem um gesto vivo e apurado, preciso e rápido; dirige-se aos consumidores num passo demasiado vivo, inclina-se com demasiado zelo, sua voz e seus olhos experimentam um interesse demasiado cheio de solicitude para o pedido do freguês (...) Ele representa, brinca. Mas representa o quê? Não é preciso observá-lo muito tempo para perceber: ele representa ser garçom de café

Outro tipo de má fé é o da mulher que, estando com um homem, deixa-se seduzir" por ele, dissimulando para si mesma, desde o início, o cará ter sexual do encontro.

## A Responsabilidade

Tais colocações a respeito do existencialismo poderiam fazer supor que se trata de um pensamento que defende o individualismo, em que cada um estaria preocupado com a própria liberdade e ação. Contra esse mal-entendido, Sartre adverte: "Mas se verdadeiramente a existência precede a essência, o homem é responsável por aquilo que é. Assim, o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo o homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência.

E quando dizemos que o homem é responsável por si próprio, não queremos dizer que o homem é responsável pela sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens. (...) Com efeito, não há dos nossos atos um sequer que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que deve ser. Escolher ser isto ou aquilo é afirmar ao mesmo tempo o valor do que escolhemos, porque nunca podemos escolher o mal, o que escolhemos é sempre o bem, e nada pode ser bom para nós sem que o seja para todos. Se a existência, por outro lado, precede a essência e se quisermos existir, ao mesmo tempo que construímos a nossa imagem, esta imagem é válida para todos e para toda a nossa época. Assim, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, porque ela envolve toda a humanidade".

O existencialismo é uma moral da ação, porque considera que a única coisa que define o homem é o seu ato. Ato livre por excelência, mesmo que o homem sempre esteja situado em determinado tempo ou lugar. Não importa o que as circunstâncias fazem do homem, "mas o que ele faz do que fizeram dele".

## c) HABERMAS: O Desafio da Linguagem

No século XX surgiu uma nova maneira de encarar as questões éticas e morais. A consciência, tal como era entendida na modernidade, deixou de ser a critério último de avaliação e cedeu lugar para a interpretação da linguagem.

Na primeira metade do século XX, filósofos tais como as representantes da Escola de Frankfurt (Horkheimer, Adorno, Benjamin, Marcuse) analisaram a crise da razão contemporânea, a "eclipse da razão". Para evitar os irracionalismos, queriam recuperar a razão não repressora, capaz de autocrítica é posta a serviço da emancipação humana. Esses filósofos utilizaram a conceito de Iluminismo em sentido amplo, não restrito ao período histórico da Ilustração, no século XVIII. Ou seja, um pensador iluminista pertence a qualquer tempo, na medida em que faz usa das luzes da razão para combater as superstições, a arbítrio do poder e para defender a pluralismo e a tolerância.

Em que a tendência iluminista poderia nos ajudar no impasse da busca dos fundamentos da moral?

Vamos encontrar algumas pistas no pensamento do filósofo Jürgen Habermas (1929), que desenvolveu a teoria da ação comunicativa, conceito básico para a compreensão da chamada ética do discurso. Dessa tendência também fazem parte Karl-Otto Apel (1922) e Ernt Tugendhat (1930) A ética discursiva recorre a razão para sua fundamentação. Embora sob a influência de Kant, o conceito de razão em Habermas não se reduz ao de razão reflexiva, mas e ampliado para uma concepção de razão comunicativa. Enquanto na razão kantiana a juízo categórico funda-se no sujeito e supõe a razão monológica, o sujeito em Habermas e descentrado, porque a razão comunicativa apóia-se no diálogo, na interação entre os indivíduos do grupo, mediada pela linguagem, pelo discurso.

Ao contrário, a razão comunicativa é mais rica por ser processual, construída a partir da relação entre os sujeitos, como seres capazes de posicionarem-se criticamente diante das normas. No entanto, a validade das normas não deriva de uma razão abstrata e universal nem depende da subjetividade narcísica de cada um, mas do consenso encontrado a partir do grupo, do conjunto dos indivíduos, em uma "situação ideal de fala". Assim, a subjetividade transforma-se em intersubjetividade, mais propriamente em intercomunicação. Se retomássemos o exemplo dado neste capítulo no tópico sobre Kant, a validade da norma "não roube" deveria estar fundada na razão comunicativa e resultaria do discurso interpessoal.

### QUEM É?

**Jürgen Habermas**, filósofo e teórico social alemão, nasceu em 1929. Inicialmente sofreu influência da Escola de Frankfurt, para depois seguir itinerário próprio, constituindo o que se chamou a segunda geração da Escola. Escreveu *Teoria e praxis, Técnica e ciência como "ideologia"*, *Conhecimento e interesse*, *Consciência moral e agir comunicativo* e *O discurso filosófico da modernidade*, entre outras obras e conferências. De formação marxista, nem por isso deixou de fazer uma revisão crítica tendo em vista o capitalismo avançado da sociedade industrial contemporânea. Ao analisar as relações entre ciência, técnica e economia política, desenvolveu a teoria do agir comunicativo, que contém os conceitos básicos da ética do discurso.



Jürgen Habermas, 2001.



## d) PETER ALBERT DAVID SINGER

Peter Albert David Singer (Melbourne, 6 de julho de 1946) é um filósofo e professor australiano. É professor na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos. Atua na área de ética prática, tratando questões de Ética de uma perspectiva utilitarista. Singer foi professor de filosofia na Universidade de Monash em Melbourne, onde fundou o Centro para Bioética Humana. Em 1996 Singer candidatou-se ao Senado pelo Partido Verde Australiano mas não conseguiu ser eleito. Em 1999 foi nomeado Professor Ira W. DeCamp de Bioética do Centro de Valores Humanos de Princeton e se mudou para os Estados Unidos.

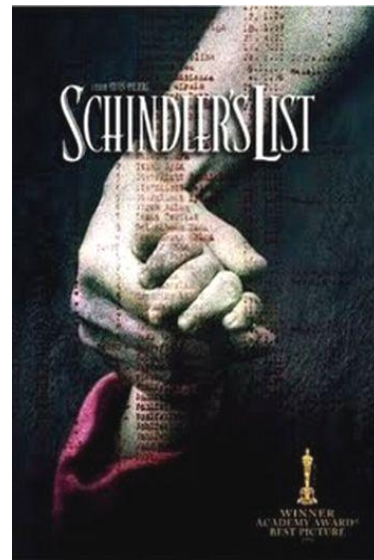
Peter Singer investiga a ética e a moralidade dessa mesma perspectiva, indiferente às classificações hegelianas. Isso quer dizer que toda teoria moral tem de fornecer alguma explicação plausível para os fenômenos morais. Singer tornou-se mundialmente famoso por sua dedicação à defesa dos direitos dos animais. Porém, na Alemanha ele foi censurado por criticar as objeções feitas à prática da *eutanásia* e contra à *liberação do aborto*.



*Ética Prática* é dedicado, portanto, ao exame daqueles assuntos aos quais muitos filósofos preferem deixar de lado, entregue à *casuística* e ao *direito*, seja pela falta de interesse, seja porque não têm argumentos convincentes para tomarem posição sobre temas tão complexos e delicados. Dividido em 12 capítulos, o livro detém-se numa concepção de ética plausível que permita à razão assumir um papel importante nas decisões morais. Em outras palavras, deve-se ter uma razão aceitável para defesa de uma posição utilitária da ética, embora isso possa não ser conclusivo.

Assim, os juízos devem ser formados de modo universal, a fim de que se evite posições exclusivistas de ética. Isso exige uma reflexão que leve em conta os interesses de todos e não apenas o próprio interesse. Diferente do utilitarismo clássico, Singer pretende que as melhores conseqüências devam ser escolhidas em função dos interesses de todos os envolvidos e não somente o aumento do prazer e a diminuição, como aquela corrente clássica propunha.

Apesar de tomar partido em favor de uma tendência utilitarista, Singer não considera que esta seja a única abordagem ética válida. O que ele pretende fazer é investigar concepções ligadas à *teoria do direito*, da *distribuição eqüitativa* dos recursos naturais, do *caráter sagrado da vida*, entre outras, sob a ótica dos problemas cotidianos, segundo uma vertente utilitária. Depois de discutir questões relacionadas à igualdade de direitos entre os homens e os animais, o valor da vida, a distribuição de renda entre ricos e pobres e a relação humana com o meio ambiente, no capítulo 11 - intitulado "*Fins e Meios*", Singer apresenta quatro casos históricos para reflexão, quanto à participação afirmativa dos envolvidos.



O primeiro exemplo conta, resumidamente, a famosa história de Oskar Schindler - personagem principal do filme *A Lista de Schindler*, de Stephen Spielberg -, dono de uma pequena fábrica alemã que, durante a Segunda Guerra Mundial, gastou todo seu dinheiro em suborno e mantimentos contrabandeados, no intuito de salvar a vida do maior número possível operários judeus.

O segundo caso relata a invasão de um laboratório da Universidade de Pensilvânia (EUA), em 1984, que fazia experiências com animais, sem anestesia, submetendo-os a maus tratos. O grupo clandestino, chamado Frente de Libertação dos Animais (FLA), invadiu o laboratório, roubou as fitas de vídeo que registravam as operações e destruiu todos equipamentos do laboratório, divulgando em seguida as imagens brutais do sofrimento das cobaias. Depois de um ano de protestos, o laboratório chefiado pelo dr. Thomas Gennarelli foi proibido de realizar tais experiências e sua bolsa de pesquisa foi cortada.

Dois anos depois, em 1986, uma clínica de aborto, na Flórida (EUA), foi atacada por Joan Andrews, membro da organização Operação Salvação. Este grupo usa a desobediência civil contra clínicas que praticam o aborto, tendo como argumento o princípio bíblico de refrear as práticas de assassinato.

O quarto episódio narra a saga da campanha de preservação do rio Franklin (Tasmânia), realizada pela Sociedade Tasmaniana de Proteção à Natureza, contra a construção de uma represa que ia alterar o curso do rio e a beleza da paisagem local. Os protestos foram pacíficos e, embora o seu líder, Bob Brown, tenha sido preso, em 1982, eles influenciaram o eleitorado da Austrália - país financiador do projeto -, dando vitória à oposição nas eleições daquele ano. Em seguida, uma legislação específica impediu o represamento do rio tasmaniano.

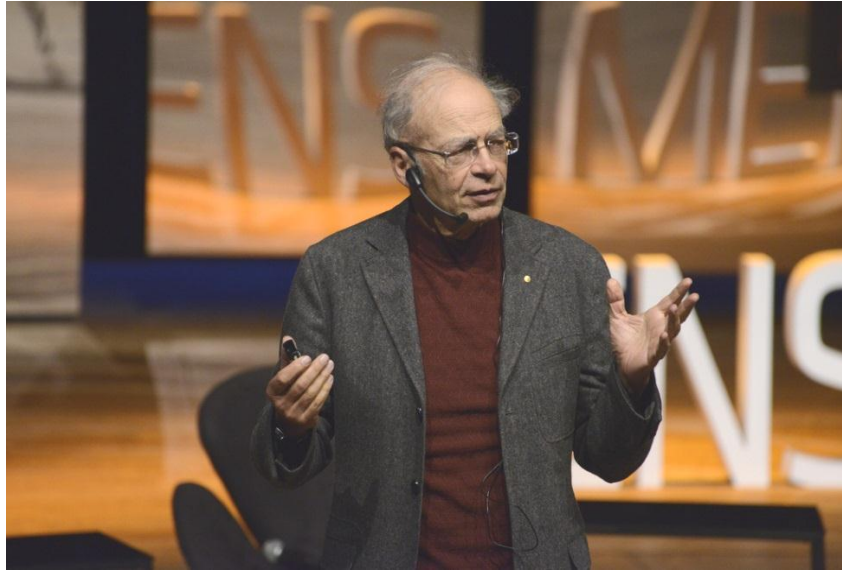
Tendo em mente esses acontecimentos, Singer passa a discutir sobre os limites da ação afirmativa - tais como desobediência civil, atentados violentos e protestos pacíficos - nos casos em que é moralmente justificável desobedecer a lei. Para ele, o difícil seria saber que tipo de práticas são aceitáveis, diante dos fins almejados. Muitos defendem suas posições a favor da conservação da natureza, liberação dos animais e defesa da vida, por exemplo, sem, no entanto, cometerem atos ilegais, ao passo que outros assumem as consequências de ações transgressoras da lei.

Lei e ética, na concepção de Singer, são coisas diferentes, apesar da lei ter algum peso moral. Pois, a sociabilidade do ser humano não é forte o suficiente a ponto de dispensar as leis que protegem os indivíduos uns dos outros. A lei evita que, toda vez que existam disputas dos interesses individuais se tenha de recorrer à força para uma decisão ser tomada. Nesse sentido, a legislação estabelece um processo de decisão benéfico para todos. Por outro lado, a desobediência generalizada pode levar, em último grau, a uma guerra civil. Além disso, a possibilidade da desobediência obriga a comunidade manter um aparato repressor oneroso a todos. Não obstante, quando houver razões que justifiquem a infração da lei, ela pode ser cometida sem que isso gere necessariamente o declínio total da obediência à constituição. Em cada situação, as razões em conflito deveriam avaliar a relevância de cumprir-se ou não uma legislação.

Os efeitos de uma situação imoral estabelecida podem ser tão terríveis quanto o emprego da violência para derrubá-la. Porém, para que esta seja justificável, deve ficar claro que se trata da única alternativa disponível contra um contexto injusto. Mais uma vez, serão os detalhes das circunstâncias vividas que limitarão o uso da violência, seja contra bens privados ou contra pessoas.

Ainda assim, as diferenças entre tipos de violência são importantes, pois é só através da sua observação que podemos condenar um tipo de violência - aquela praticada pelos terroristas - em termos virtualmente absolutos. As diferenças são obscurecidas pelas condenações radicais de tudo quanto se insere na categoria geral de "violência" (SINGER, P. *Ibidem, ibidem*, p. 330).

A conclusão de Singer parece clara. Embora não se tenha normas ou argumentos definitivos sobre todas as situações problemáticas em moral, nada impede que a razão possa examinar todos os fatores relevantes de um acontecimento com o propósito de encontrar a melhor forma de agir numa situação determinada. Para tanto, é preciso prever as conseqüências, levando em conta os interesses de todos seres sencientes envolvidos, sejam humanos ou não.





# TREINANDO PARA O ENEM

1. **(FAAP)** Francês, filósofo existencialista. Autor de "A Náusea", "Os Caminhos da Liberdade", "Aos Mãos do Diabo", "O Ser e o Nada".

- a) J. P. Sartre
- b) Pasteur
- c) Rousseau
- d) Voltaire
- e) Lavoisier

2. **(ENEM)** A lei não nasce da natureza, junto das fontes frequentadas pelos primeiros pastores: a lei nasce das batalhas reais, das vitórias, dos massacres, das conquistas que têm sua data e seus heróis de horror: a lei nasce das cidades incendiadas, das terras devastadas; ela nasce com os famosos inocentes que agonizam no dia que está amanhecendo.

*FOUCAULT. M. Aula de 14 de janeiro de 1976. In. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes. 1999*

O filósofo Michel Foucault (séc. XX) inova ao pensar a política e a lei em relação ao poder e à organização social. Com base na reflexão de Foucault, a finalidade das leis na organização das sociedades modernas é

- a) combater ações violentas na guerra entre as nações.
- b) coagir e servir para refrear a agressividade humana.
- c) criar limites entre a guerra e a paz praticadas entre os indivíduos de uma mesma nação.
- d) estabelecer princípios éticos que regulamentam as ações bélicas entre países inimigos.
- e) organizar as relações de poder na sociedade e entre os Estados.

3. **(UEG)** A expressão "Tudo o que é bom, belo e justo anda junto" foi escrita por um dos grandes filósofos da humanidade. Ela resume muito de sua perspectiva filosófica, sendo uma das bases da escola de pensamento conhecida como

- a) cartesianismo, estabelecida por Descartes, no qual se acredita que a essência precede a existência.
- b) estoicismo, que tem no imperador romano Marco Aurélio um de seus grandes nomes, que pregava a serenidade diante das tragédias.
- c) existencialismo, que tem em Sartre um de seus grandes nomes, para o qual a existência precede a essência.
- d) platonismo, estabelecida por Platão, no qual se entendia o mundo físico como uma imitação imperfeita do mundo ideal.

4. **(UFSJ)** Leia atentamente os fragmentos abaixo.

- I. "Também tem sido frequentemente ensinado que a fé e a santidade não podem ser atingidas pelo estudo e pela razão, mas sim por inspiração sobrenatural, ou infusão, o que, uma vez aceita, não vejo por que razão alguém deveria justificar a sua fé...".
- II. "O homem não é a consequência duma intenção própria duma vontade, dum fim; com ele não se fazem ensaios para obter-se um ideal de humanidade; um ideal de felicidade ou um ideal de moralidade; é absurdo desviar seu ser para um fim qualquer".
- III. "(...) podemos estabelecer como máxima indubitável que nenhuma ação pode ser virtuosa ou moralmente boa, a menos que haja na natureza humana algum motivo que a produza, distinto do senso de sua moralidade".
- IV. "A má-fé é evidentemente uma mentira, porque dissimula a total liberdade do compromisso. No mesmo plano, direi que há também má-fé, escolho declarar que certos valores existem antes de mim (...)."

Os quatro fragmentos de texto acima são, respectivamente, atribuídos aos seguintes pensadores

- a) Nietzsche, Sartre, Hobbes, Hume.
- b) Hobbes, Nietzsche, Hume, Sartre.
- c) Hume, Nietzsche, Sartre, Hobbes.
- d) Sartre, Hume, Hobbes, Nietzsche.

5. (UFSJ) “Não que acreditemos que Deus exista; pensamos antes que o problema não está aí, no da sua existência [...] os cristãos podem apelidar-nos de desesperados”. Essa afirmação revela o pensador

- a) Thomas Hobbes, defendendo o seu pensamento objetivo de que “o homem deve ser tomado como um elemento de construção da monarquia”.
- b) Nietzsche, perseguindo o direito do homem de tomar posse do seu reino animal e da sua superação e de reconduzir-se às verdades implícitas nele próprio.
- c) Jean-Paul Sartre, desenvolvendo um argumento, no qual chega à conclusão de que o existencialismo é um otimismo.
- d) David Hume, criticando as clássicas provas a favor da existência de Deus.

6. (UFU) Para J.P. Sartre, o conceito de “para-si” diz respeito

- a) a uma criação divina, cujo agir depende de princípio metafísico regulador.
- b) apenas à pura manutenção do ser pleno, completo, da totalidade no seio do que é.
- c) ao nada, na medida em que ele se especifica pelo poder nãificador que o constitui.
- d) a algo empastado de si mesmo e, por isso, não se pode realizar, não se pode afirmar, porque está cheio, completo.

7. (UFSJ) Na obra “O existencialismo é um humanismo”, Jean-Paul Sartre intenta

- a) desenvolver a ideia de que o existencialismo é definido pela livre escolha e valores inventados pelo sujeito a partir dos quais ele exerce a sua natureza humana essencial.
- b) mostrar o significado ético do existencialismo.
- c) criticar toda a discriminação imposta pelo cristianismo, através do discurso, à condição de ser inexorável, característica natural dos homens.
- d) delinear os aspectos da sensação e da imaginação humanas que só se fortalecem a partir do exercício da liberdade.

8. (UEMA) Gilberto Cotrim (2006. p. 212), ao tratar da pós-modernidade, comenta as ideias de Michel Foucault, nas quais “[...] as sociedades modernas apresentam uma nova organização do poder que se desenvolveu a partir do século XVIII. Nessa nova organização, o poder não se concentra apenas no setor político e nas suas formas de repressão, pois está disseminado pelos vários âmbitos da vida social [...] [e] o poder fragmentou-se em micropoderes e tornou-se muito mais eficaz. Assim, em vez de se deter apenas no macropoder concentrado no Estado, [os] micropoderes se espalham pelas mais diversas instituições da vida social. Isto é, os poderes exercidos por uma rede imensa de pessoas, por exemplo: os pais, os porteiros, os enfermeiros, os professores, as secretárias, os guardas, os fiscais etc.”

*Fonte: COTRIM, Gilberto. Fundamentos da Filosofia: história e grandes temas. São Paulo: Saraiva, 2006. (adaptado)*

Pelo exposto por Gilberto Cotrim sobre as ideias de Foucault, a principal função dos micropoderes no corpo social é interiorizar e fazer cumprir

- a) o ideal de igualdade entre os homens.
- b) o total direito político de acordo com as etnias.
- c) as normas estabelecidas pela disciplina social.
- d) a repressão exercida pelos menos instruídos.
- e) o ideal de liberdade individual.

9. (PUCPR) Na sua obra *Vigiar e punir*, o filósofo francês Michel Foucault analisa as novas faces de exercício do poder disciplinar e afirma:

*"Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação. (...) O momento histórico das disciplinas e o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente ao aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma "anatomia política", que é também igualmente uma "mecânica do poder", está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos "dóceis".*

(*Vigiar e Punir*, p. 118).

Segundo essa passagem, seria correto afirmar que:

- I. O texto mostra como, a partir dos séculos XVII e XVIII o corpo foi descoberto como objeto e alvo de um novo poder e de novas formas de controle, pelas quais são superadas antigas formas de domínio e instaurado um novo modelo com o fim de tornar os corpos mais dóceis.
  - II. O fim dessas práticas é tornar o corpo obediente e disciplinado através de um rigoroso exercício de controle sobre gestos e comportamentos. É assim que o corpo vira um novo objeto de poder.
  - III. Segundo o autor, essa é a primeira vez na história que o corpo se tornara objeto de poder, já que essas práticas eram comuns tanto nos regimes escravocratas quanto nos monásticos.
  - IV. Esses novos mecanismos de controle têm, segundo o autor, uma única motivação: o domínio do corpo para exploração econômica.
- a) Apenas as assertivas I e III são verdadeiras.
  - b) Apenas as assertivas I e II são verdadeiras.
  - c) Apenas a assertiva IV é verdadeira.
  - d) Todas as assertivas são verdadeiras.
  - e) Apenas a assertiva I é verdadeira.

10. (PUCPR) Michel Foucault, em *Vigiar e Punir*, apresenta duas imagens de disciplina: a disciplina-bloco e a disciplina-mecanismo. Para mostrar como esses dois modelos se desenvolveram, o autor destaca dois casos: o medieval da peste e o moderno do panóptico.

Assinale, portanto, a alternativa incorreta:

- a) A disciplina-bloco se estabeleceu com o esquema moderno do panóptico, uma vez que a disciplina mecanismo, desenvolvida no período medieval para resolver o problema da peste, estava em falência.
- b) A disciplina-bloco se refere à instituição fechada, totalmente voltada para funções negativas, proibitivas e impeditivas.
- c) A disciplina-mecanismo é um dispositivo funcional que visa otimizar e tornar mais rápido o exercício do poder, mediante o modelo panóptico.
- d) É possível dizer que houve um processo de mudança da disciplina-bloco para a disciplina mecanismo, passando pelas etapas de inversão funcional das disciplinas, ramificação dos mecanismos e estatização dos mecanismos disciplinares.
- e) A disciplina-mecanismo tem como estratégia a vigilância múltipla, inter-relacionada e contínua, pela qual o indivíduo deve saber que é vigiado e, por consequência, o poder se exerce automaticamente.

**11. (PUCPR)** “O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame.”

*Fonte: Foucault, Vigiar e punir, p. 143.*

- I. Vigiar, muito mais que aplicar um olhar constante sobre o indivíduo, significa dispô-lo numa estrutura arquitetural e impessoal, na qual ele se sinta vigiado.
- II. Punir é o único objetivo da disciplina.
- III. Punir primeiramente tem a finalidade de uma ortopedia moral, de normalização, não somente de um comportamento, mas do conjunto da existência humana, seja obstaculizando a virtualidade de um comportamento perigoso mediante o uso de pequenas correções, seja incentivando condutas desejáveis a partir de recompensas e vantagens.
- IV. O exame atua numa ampla rede de instituições psiquiátricas, pedagógicas e médicas, classificando as condutas em termos de normalidade e anormalidade.
- V. Para Foucault, as ciências que tomaram o homem como objeto de saber, a partir do final do século XVIII, não têm nada a ver com a vigilância, a normalização e o exame disciplinares.

Assinale a(s) alternativa(s) correta(s):

- a) II e V
- b) II e IV
- c) I e II
- d) III, IV e V
- e) I, III e IV

**12. (PUCPR)** O indivíduo é sem dúvida o átomo fictício de uma representação “ideológica” da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama “disciplina”.

*Fonte: Foucault, Vigiar e punir, p.161.*

Assinale as alternativas corretas.

- I. Foucault quer afirmar que os indivíduos, nesse modelo de sociedade, são constituídos como efeitos da atuação de estratégias de poder correlatas a técnicas de saber.
- II. Para Foucault, o poder fundamentalmente reprime, recalca, censura, mascara, anulando os desejos individuais.
- III. A disciplina produz realidade, produz rituais de verdade, produz indivíduos úteis e dóceis.

- IV. Para Foucault, é o indivíduo que possui o poder. É ele quem dá sentido ao mundo.
- V. A disciplina, como estratégia privilegiada de fabricação do indivíduo e produção de verdades, existe desde a época do cristianismo primitivo.
- a) II, IV e V  
b) I e III  
c) II e III  
d) I e II  
e) III, IV e V

**13. (INTERBITS)** Giorgio Agamben, filósofo italiano, observa que hoje os cidadãos são continuamente controlados e consideram isso normal. Ele defende a ideia de que o paradigma político do Ocidente não é mais a cidade, mas o campo de concentração. Vistas por essa ótica, as práticas de exceção contemporâneas, engendradas por um Estado policial protetor, fazem da política do terror e da insegurança o princípio gestor, estimulando, cada vez mais, a privatização dos espaços e o confinamento no interior deles.

*TOMAZI, Nelson Dacio. Sociologia para o ensino médio. São Paulo: Saraiva, 2010, p. 113. Adaptado.*

Segundo o filósofo Michel Foucault, esse modelo de vigilância apresentado por Agamben pode ser enquadrado como:

- a) Coletivo.  
b) Panóptico.  
c) Regular.  
d) Informal.  
e) Dissimulado.
- 14. (UFTM)** Leia o trecho, escrito por uma operária inglesa, que trabalhou durante a Primeira Guerra Mundial, 1914-1918, em uma fábrica de munição, e observe o cartaz produzido nos EUA por J. Howard Miller, durante a Segunda Guerra Mundial, 1939-1945.
- Não sei dizer quanto as outras ganhavam na fábrica de bombas, mas sei que eles pagavam apenas 25 centavos por semana a cada moça para enchê-las, o que não era muito. Aliás, não dava para viver com esse dinheiro, pois precisávamos comer e não ganhávamos refeições. Mas, quando elas entraram em greve, o salário aumentou uns 5 ou 6 centavos por semana, e foi criado um sistema de bonificação.*
- (Mary Brough-Robertson apud Max de Arthur. Vozes esquecidas da 1.ª Guerra Mundial, 2011)*



We can do it! Nós podemos fazer!  
(www.history.com)



Os documentos permitem afirmar:

- a) graças ao feminismo, que se tornou uma força social, as mulheres conquistaram igualdade de direitos no mercado de trabalho.
- b) as guerras mundiais travadas na primeira metade do século XX exigiram a mobilização de toda a sociedade no esforço para vencer os inimigos.
- c) as tentativas de se valer do trabalho feminino foram improdutivas, pois as mulheres não se adaptaram ao rigor do ritmo fabril.
- d) os modernos armamentos industriais, graças a sua precisão, protegem a população civil dos enfrentamentos bélicos.
- e) a produção industrial do período era pouco especializada, uma vez que ainda comportava o trabalho feminino.

**15. (UFSM)** Analise os fragmentos a seguir.

*A sociologia, a antropologia e outras ciências humanas lançaram mão [dessa] categoria para demonstrar e sistematizar as desigualdades socioculturais existentes entre mulheres e homens, que repercutem na esfera da vida pública e privada de ambos os sexos, impondo a eles papéis sociais diferenciados que foram construídos historicamente e criaram polos de dominação e submissão. Impõe-se o poder masculino em detrimento dos direitos das mulheres, subordinando-as às necessidades pessoais e políticas dos homens, tornando-as dependentes.*

*Portanto, [esse] termo pode ser entendido como um instrumento, como uma lente de aumento que facilita a percepção das desigualdades sociais e econômicas entre mulheres e homens, que se deve à discriminação histórica contra as mulheres. Esse instrumento oferece possibilidades mais amplas de estudo sobre a mulher, percebendo a em sua dimensão relacional com os homens e o poder. Como uso desse instrumento, pode-se analisar o fenômeno da discriminação sexual e suas imbricações relativas à classe social, às questões étnico-raciais, intergeracionais e de orientação sexual.*

TELES, Maria Amélia de Almeida & MELLO, Mônica. O que é violência contra a mulher. São Paulo: Brasiliense, 2003. p. 16-17. (adaptado)

Fundamental para os estudos históricos na atualidade, o texto se refere ao conceito de

- a) gênero.
- b) patriarcado.
- c) empoderamento.
- d) matriarcado.
- e) feminismo.

**16. (UERJ)**

**OS SONHOS QUE NÃO ENVELHECERAM**

*"Por que 1968 resiste tanto a sair de cena? Qual é o mistério de não querer ser passado e sim presente, de permanecer como referência e mito de imaginários tão distantes? (...) a atitude não tem ranço retrô ou passadista. Eles parecem estar buscando 98 em 68, o presente no passado, inclusive porque, a primeira vista, 98 parece 68 de cabeça para baixo. (...) O ruim é o riso de se idealizar o passado, de confundir tempo verbal com tempo real, achando que existe na História um pretérito perfeito ou mais-que-perfeito. Como se sabe, nem na vida nem na história o passado pode tomar o lugar do presente ou do futuro. (...) O que não se discute é a certeza de que algumas questões atuais germinaram derrotados politicamente, mas vitoriosos culturalmente. Suas pequenas revoluções nos costumes e comportamento, na arte e no sexo se fazem sentir até hoje. (...)"*

(VENTURA, Zuenir. "Jornal do Brasil", 03/05/98)

O ano de 1968 significou, em todo o mundo, um momento de profundo questionamento, principalmente da juventude.

Entre as palavras de ordem que marcaram os movimentos de 1968 e que são presentes até hoje, encontramos:

- a) pacifismo, feminismo e ecologia
- b) luta armada, drogas e positivismo
- c) liberalismo, cultura de massa e neonazismo
- d) nacionalismo, romantismo e corporativismo

## 17. (INTERBITS)

### **O Bolsa Família e a revolução feminista no sertão**

*Uma revolução está em curso. Silencioso e lento, o feminismo começa a tomar forma nos rincões mais pobres e, possivelmente, mais machistas do Brasil. Quem o descreve é a antropóloga Walquiria Domingues Leão Rêgo, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Nos últimos cinco anos, Walquiria acompanhou, ano a ano, as mudanças na vida de mais de cem mulheres, todas beneficiárias do Bolsa Família.*

*As mulheres são mais de 90% das titulares do Bolsa Família: são elas que, mês a mês, sacam o dinheiro na boca do caixa. Elas passaram a comprar Danone para as crianças. E a ter direito à vaidade. Walquiria testemunhou mulheres comprarem batons para si mesmas pela primeira vez na vida. Finalmente, tiveram o poder de escolha. E isso muda muitas coisas.*

Fonte: SANCHES, Mariana. In: Marie Claire. 03 dez. 2012. Adaptado. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/...sertao.html>> Acesso em 14 jan. 2013.

Sobre o impacto das políticas de governo na vida das pessoas e sua relação com as demandas do feminismo, assinale a alternativa **incorreta**.

- a) A saída da miséria pressupõe a possibilidade de ter liberdade de decidir como gastar o próprio dinheiro.
- b) As políticas sociais interferem não somente em índices econômicos, mas também na vida cotidiana das pessoas.
- c) O acesso aos direitos de cidadania independe da possibilidade de ter a liberdade de decidir como gastar o próprio dinheiro.
- d) As vitórias do feminismo pressupõem a inserção das mulheres no mercado de trabalho, na economia e no espaço público.
- e) O machismo existe não somente nas relações materiais, mas também nas relações simbólicas entre as pessoas.

## 18. (INTERBITS) Leia.

### **Belga filma assédio por homens nas ruas e causa polêmica**

*Uma jovem belga de apenas 25 anos decidiu gravar o que ouvia dos homens enquanto caminhava pelas ruas de Bruxelas – e principalmente de sua vizinhança, em um bairro pobre da cidade. O resultado foi o documentário *Femme de la Rue* (Mulher da Rua, em tradução livre).*

*Frases recheadas de vulgaridades e a violência com a qual alguns homens abordam a jovem no documentário, feito em plena capital da União Europeia, causaram indignação no resto do continente.*

*O assunto, que é raramente tratado pela imprensa, ganhou espaço em jornais, revistas e emissoras de TV na França, um dos berços do movimento feminista. O assédio sexual de rua, travestido de simples "cantada", também gerou debate nas redes sociais francesas.*

Folha on-line. Disponível em: <<http://folha.com/no1136938>>. Acesso em: 18 ago. 2012. Adaptado.

A respeito da relação entre machismo, feminismo e violência, assinale a alternativa **INCORRETA**.

- a) O tipo de assédio sofrido pela jovem corresponde a uma forma de violência simbólica contra as mulheres.
- b) Os movimentos feministas buscam fazer com que a mulher não seja vista como um objeto de consumo.
- c) Cantadas e piadas muitas vezes possuem uma carga de preconceito e podem ser instrumentos de violência.
- d) Há uma demanda, na sociedade contemporânea, pelo tratamento igual entre homens e mulheres.
- e) A função das mulheres na sociedade é a de reprodução. É por isso que o movimento feminista luta contra o preconceito.

19. (UEL) *“Em geral, o feminismo veio demonstrar que a opressão tem muitas faces, uma das quais é a opressão das mulheres por via da discriminação sexual. Ao privilegiar a opressão de classe, o marxismo secundarizou e, no fundo, ocultou a opressão sexual e, nessa medida, o seu projeto emancipatório ficou irremediavelmente truncado. [...] Se para as feministas marxistas, a primazia explicativa das classes é admissível desde que seja articulada com o poder e a política sexual, para a maioria das correntes feministas não é possível estabelecer, em geral, a primazia das classes sobre o sexo ou sobre outro fator de poder e de desigualdade e algumas feministas radicais atribuem mesmo a primazia explicativa ao poder sexual.”*

(SOUZA S., *Boaventura. Pela mão de Alice, o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1996. p. 41.)

De acordo com o texto, é correto afirmar:

- a) A teoria marxista das classes, como explicação das relações de gênero, é o fundamento dos movimentos feministas.
- b) Ao priorizar a opressão de classe, o marxismo eclipsou a opressão feminina, destituindo-a de sua relevância social.
- c) As feministas marxistas defendem a primazia do poder sexual sobre a de classes.
- d) O feminismo radical, ao explicitar a discriminação sexual como forma de opressão, fortaleceu o entendimento marxista da sociedade.
- e) O projeto emancipatório das feministas teve significativo impulso após a adoção do marxismo enquanto modelo explicativo da opressão feminina.

20. (UFU) O Existencialismo é uma filosofia do século XX, que procura resgatar o valor da subjetividade, da concretude da vida humana, da singularidade indeterminada. A famosa frase de Sartre – “A existência precede a essência.” – significa que o homem é um projeto utópico de ser, condicionado pela sua existência. Neste sentido o(s) fundamento(s) teórico(s) e histórico(s) do Existencialismo de Sartre são

- a) o desejo de ser o que é, próprio do século XIX, e a decepção do homem com a Igreja na sociedade atual.
- b) a exaltação ao materialismo que determina a vida do homem, própria do século XIX.
- c) as filosofias de Marx-Engels e o movimento negro, o rock, o feminismo e a revolução social pós-guerra.
- d) o resgate do afeto, desejo e paixão segundo Freud e a exaltação do sexo como finalidade ética da vida no consumismo atual.
- e) a concepção de que o homem não é mais que o que ele faz na sua existência, própria do contexto histórico dilacerado da Europa do pós-guerra.

**21. (UEL)** Leia o texto a seguir.

*A utilização da Internet ampliou e fragmentou, simultaneamente, os nexos de comunicação. Isto impacta no modo como o diálogo é construído entre os indivíduos numa sociedade democrática.*

*(Adaptado de: HABERMAS, J. O caos da esfera pública. Folha de São Paulo, 13 ago. 2006, Caderno Mais!, p.4-5.)*

A partir dos conhecimentos sobre a ação comunicativa em Habermas, considere as afirmativas a seguir.

- I. A manipulação das opiniões impede o consenso ao usar os interlocutores como meios e desconsiderar o ser humano como fim em si mesmo.
- II. A validade do que é decidido consensualmente assenta-se na negociação em que os interlocutores se instrumentalizam reciprocamente em prol de interesses particulares.
- III. Como regra do discurso que busca o entendimento, devem-se excluir os interlocutores que, de algum modo, são afetados pela norma em questão.
- IV. O projeto emancipatório dos indivíduos é construído a partir do diálogo e da argumentação que prima pelo entendimento mútuo.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

**22. (UEL)** Elaborada nos anos de 1980, em um contexto de preocupações com o meio ambiente e o risco nuclear, a Ética do Discurso buscou reorientar as teorias deontológicas que a antecederam.

Um exemplo está contido no texto a seguir.

*De maior gravidade são as consequências que um conceito restrito de moral comporta para as questões da ética do meio ambiente. O modelo antropocêntrico parece trazer uma espécie de cegueira às teorias do tipo kantiano, no que diz respeito às questões da responsabilidade moral do homem pelo seu meio ambiente.*

*(HABERMAS, Jürgen. Comentários à Ética do Discurso. Trad. de Gilda Lopes Encarnação. Lisboa: Instituto Piaget, 1999, p.212.)*

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a Ética do Discurso, é correto afirmar que a ética

- a) abrange as ações isoladas das pessoas visando adequar-se às mudanças climáticas e às catástrofes naturais.
- b) corresponde à maneira como o homem deseja construir e realizar plenamente a sua existência no planeta.
- c) compreende a atitude conservacionista que o sistema econômico adota em relação ao ambiente.
- d) implica a instrumentalização dos recursos tecnológicos em benefício da redução da poluição.
- e) refere-se à atitude de retorno do homem à vida natural, observando as leis da natureza e sua regularidade.

23. (UEG) *“Uma moral racional se posiciona criticamente em relação a todas as orientações da ação, sejam elas naturais, autoevidentes, institucionalizadas ou ancoradas em motivos através de padrões de socialização. No momento em que uma alternativa de ação e seu pano de fundo normativo são expostos ao olhar crítico dessa moral, entra em cena a problematização. A moral da razão é especializada em questões de justiça e aborda em princípio tudo à luz forte e restrita da universalidade.”*

(HABERMAS, Jürgen. *Direito e democracia: entre facticidade e validade*. v. I. Trad. Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. p. 149.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a moral em Habermas, é correto afirmar:

- a) A formação racional de normas de ação ocorre independentemente da efetivação de discursos e da autonomia pública.
- b) O discurso moral se estende a todas as normas de ações passíveis de serem justificadas sob o ponto de vista da razão.
- c) A validade universal das normas pauta-se no conteúdo dos valores, costumes e tradições praticados no interior das comunidades locais.
- d) A positivação da lei contida nos códigos, mesmo sem o consentimento da participação popular, garante a solução moral de conflitos de ação.
- e) Os parâmetros de justiça para a avaliação crítica de normas pautam-se no princípio do direito divino.

Gabarito									
1.A	2.E	3.D	4.B	5.C	6.C	7.B	8.C	9.B	10.A
11.E	12.B	13.B	14.B	15.A	16.C	17.C	18.E	19.B	20.E
21.B	22.B	23.B							